

ROCCO
JOVENS LEITORES

TRILOGIA NEVER SKY



SOB O
CÉU
DO NUNCA

VERONICA ROSSI

VERONICA ROSSI

SOB O
CÉU
DO **NUNCA**

TRILOGIA NEVER SKY

TRADUÇÃO DE
ALICE KLESCK

ROCCO
JOVENS LEITORES



Capítulo 1

ÁRIA

Eles chamavam o mundo além das paredes do núcleo de “a Loja da Morte”. Havia um milhão de maneiras de morrer por lá. Ária nunca achou que chegaria tão perto.

Ela mordia o lábio, enquanto olhava a porta pesada de aço à sua frente. Uma tela exibia as palavras “AGRICULTURA 6 – PROIBIDA A ENTRADA” em letras vermelhas luminosas.

Ag 6 era apenas uma cúpula de serviço, Ária dizia a si mesma. Dúzias de cúpulas proviam Quimera com comida, água, oxigênio: todas as coisas de que uma cidade encapsulada precisava. A Ag 6 tinha sido danificada numa tempestade recente, mas os danos eram supostamente insignificantes. Supostamente.

– Talvez a gente deva voltar – disse Paisley. Ela estava ao lado de Ária na câmara de compressão, aflita, enroscando uma mecha de sua longa cabeleira ruiva.

Os três meninos estavam agachados junto ao painel de controle, perto da porta, causando interferência no sinal, para que pudessem sair sem acionar o alarme. Ária procurava ignorar o falatório contínuo.

– Ora, vamos, Paisley. O que poderia acontecer de pior?

Ária disse isso como uma piada, mas sua voz saiu alta demais, então ela emendou uma risada, que acabou soando ligeiramente histérica.

– O que poderia acontecer numa cúpula danificada? – Paisley contou em seus dedos finos. – Nossa pele poderia apodrecer. Nós poderíamos ficar trancadas pra fora. Uma tempestade de Éter pode nos transformar em bacon humano. Então, os canibais poderiam nos comer no café da manhã.

– É só outra parte de Quimera – disse Ária.

– Uma parte restrita.

– Pais, você não precisa ir.

– Nem você – disse Paisley, mas ela estava errada.

Durante os últimos cinco dias, Ária estava constantemente preocupada com sua mãe. Por que ela não fizera contato? Lumina nunca tinha perdido uma de suas visitas diárias, independentemente do quanto estivesse envolvida em sua pesquisa médica. Se Ária queria respostas, ela precisava entrar naquela cúpula.

– Pela centésima vez, não... espere, pela milésima vez, a Ag 6 é segura – disse Soren, sem se virar do painel de controle. – Vocês acham que eu quero morrer esta noite?

Fazia sentido. Soren se amava demais para arriscar a própria vida. O olhar de Ária pousou em suas costas musculosas. Soren era filho do diretor de segurança de Quimera. Ele tinha o tipo de corpo que só se obtinha com privilégio. Tinha até um bronzeado, uma regalia ridícula, considerando-se que nenhum deles jamais vira o sol. E também era um gênio para decifrar códigos.

Bane e Echo observavam, ao seu lado. Os irmãos seguiam Soren por todo lado. Ele geralmente tinha centenas de seguidores, mas isso era nos Reinos. Esta noite, apenas cinco deles compartilhavam a apertada câmara de compressão. Somente cinco deles infringindo a lei.

Soren se ergueu, mostrando um sorriso presunçoso.

– Preciso falar com meu pai sobre esses protocolos de segurança.

– Você conseguiu? – perguntou Ária.

Soren sacudiu os ombros.

– Alguém duvidava? Agora, a melhor parte. Hora de desligar.
– Espere – disse Paisley. – Achei que você fosse só interferir na transmissão de nossos olhos mágicos.

– Estou interferindo, mas isso não nos dará tempo suficiente. Precisamos desligá-los.

Ária passou o dedo em seu olho mágico. Ela sempre usava o dispositivo transparente sobre seu olho esquerdo, e estava sempre ligado. O olho os levava até os Reinos, espaços virtuais onde eles passavam a maior parte do tempo.

– Caleb vai nos matar se não voltarmos logo – disse Paisley.

Ária revirou os olhos.

– Seu irmão e suas noites temáticas. – Ela geralmente percorria os Reinos com Paisley e Caleb, seu irmão mais velho, partindo de seu ponto favorito, no salão da 2ª geração. Ao longo do mês anterior, Caleb tinha planejado temas para as noites de lazer. O tema dessa noite, “Banquete amigável”, começara num Reino Romano, onde eles tinham se empanturrado de javali e ragu de lagosta. Depois rumaram em direção a um banquete de Minotauro num Reino Mitológico.

– Só estou contente por termos partido antes das piranhas.

Graças ao seu olho mágico, Ária mantinha encontros diários com a mãe, que seguia com sua pesquisa em Nirvana, outro núcleo, a centenas de quilômetros de distância. A distância nunca tivera importância, até cinco dias atrás, quando a conexão com Nirvana foi interrompida.

– Por quanto tempo estamos planejando ficar por lá? – perguntou Ária. Ela só precisava de alguns minutos a sós com Soren. Apenas o tempo suficiente para perguntar sobre Nirvana.

Um sorriso se abriu no rosto de Bane.

– Tempo suficiente para festejarmos no real!

Echo afastou o cabelo dos olhos.

– Tempo suficiente para festejarmos em carne e osso!

O verdadeiro nome de Echo era Theo, mas poucas pessoas se lembravam disso. Seu apelido combinava bem com ele.

– Podemos desligar por uma hora. – Soren piscou pra ela. – Mas não se preocupe, eu deixo você ligadinha depois.

Ária se obrigou a sorrir, sedutora.

– Acho bom, mesmo.

Paisley lançou um olhar suspeito. Ela não sabia do plano de Ária. Algo tinha acontecido com Nirvana, e Ária sabia que Soren podia obter informações com seu pai.

Soren sacudiu seus ombros largos, como um boxeador entrando no ringue.

– Lá vamos nós, sequelados. Segurem firme. Vamos desligar em três, dois...

Ária se assustou com uma campainha aguda que vinha do fundo de seus ouvidos. Um muro vermelho desabou sobre seu ângulo de visão. Agulhas incandescentes espetavam seu olho esquerdo e se espalhavam por seu couro cabeludo. Aglutinaram-se na base de seu crânio e dispararam espinha abaixo, explodindo em seus membros. Ela ouviu um dos garotos xingar de alívio. O muro vermelho sumiu com a mesma rapidez que havia surgido.

Ela piscou algumas vezes, desorientada. Os ícones de seus Reinos favoritos tinham desaparecido. As mensagens na lista de dados e o rodapé de notícias na tela inteligente também tinham sumido, deixando apenas a porta da câmara de compressão, que parecia opaca, filtrada por uma película fina. Ela olhou para baixo, para suas botas. Cinza médio. Um tom que cobria praticamente tudo em Quimera. Como fazer o *cinza* ficar ainda menos vibrante?

Embora estivesse na pequena câmara lotada, ela foi tomada por uma sensação de solidão. Não podia acreditar que um dia as pessoas tinham vivido assim, sem nada além do real. Os Selvagens de fora *ainda* viviam assim.

– Funcionou – disse Soren. – Estamos desligados! Somos estritamente carne!

Bane pulava para cima e para baixo.

– Somos como os Selvagens!

– Somos Selvagens! – gritou Echo. – Somos Forasteiros!

Paisley piscava sem parar. Ária queria tranquilizá-la, mas não conseguia se concentrar, não com Bane e Echo berrando no pequeno espaço.

Soren girou uma barra manual na porta. A câmara despressurizou com um chiado rápido e uma onda de ar fresco. Ária olhou para baixo, perplexa, ao ver a mão de Paisley agarrada à sua. Antes que Soren abrisse a porta, ela só teve um segundo para absorver o fato de que não tocava ninguém há meses, desde que a mãe partira.

– Liberdade, enfim – disse ele, depois seguiu rumo à escuridão.

No clarão que saía da câmara de compressão, ela viu o mesmo chão macio que havia por toda parte em Quimera. Mas ali o solo era coberto por uma camada de poeira. As pegadas de Soren carimbaram uma trilha adentrando a escuridão.

E se a cúpula não fosse segura? E se a Ag 6 transbordasse de perigos? Um milhão de mortes na Loja da Morte. Um milhão de doenças talvez estivesse pairando no ar, revoando por seu rosto. Inalar o ar subitamente parecia suicídio.

Ária ouviu bipes de um teclado vindo da direção de Soren. Trilhas de luzes piscaram, com uma série de cliques ruidosos. Um espaço cavernoso surgiu. Fileiras de plantações se estendiam niveladas como listras. Bem ao alto, canos e vigas cruzavam o teto. Ela não via nenhum buraco aberto, ou qualquer outro sinal de danos. Com seu chão sujo e silêncio solene, a cúpula parecia simplesmente malcuidada.

Soren pulou na frente da porta, segurando no portal.

– Pode me culpar se essa acabar sendo a melhor noite da sua vida.

A comida brotava de montes plásticos que batiam na altura da cintura. Fileiras e fileiras de frutos e legumes deteriorando se espalhavam ao seu redor, em linhas intermináveis. Como tudo no núcleo,

eram geneticamente elaborados para eficiência. Não tinham folhas e, para crescer, não precisavam de terra alguma, somente de pouca água.

Ária arrancou um pêssego murcho, retraindo-se ao ver a facilidade com que amassara sua polpa macia. Nos Reinos, ainda cultivava-se alimento, ou ele era cultivado virtualmente, em fazendas com celeiros vermelhos e campos sob o céu ensolarado. Ela se lembrava do último slogan do olho mágico, “Melhor que real”. Nesse caso, era verdade. A comida verdadeira da Ag 6 parecia gente velha antes de tratamentos de reversão da idade.

Os meninos passaram os primeiros dez minutos correndo pelos corredores, uns atrás dos outros, e pulando por cima das fileiras de plantações. Isso acabou virando um jogo que Soren intitulou “podrebol”, que consistia em acertar uns aos outros com os frutos. Ária jogou um pouco, mas Soren ficava mirando nela e ele arremessava com muita força.

Ela se escondeu com Paisley, abaixando atrás de uma fileira, enquanto Soren mudava novamente o jogo. Ele encostou Bane e Echo contra a parede, ao estilo paredão de execução, depois atirou pomelos nos dois irmãos, que só ficaram ali, rindo.

– Chega de fruta cítrica! – gritou Bane. – Nós vamos falar!

Echo ergueu as mãos, como Bane.

– Nós nos entregamos, Ceifeiro das Frutas! Vamos falar!

As pessoas sempre faziam o que Soren queria. Ele tinha prioridade em todos os Reinos. Ele tinha até um Reino batizado com seu nome, SOREN 18. O pai de Soren criara o Reino para o seu aniversário de dezoito anos, no mês anterior. Garrafas verdes emborcadas entoavam um concerto especial. Durante a última música, o estádio inundou de água do mar. Todos se transformaram em sereias e tritões. Até mesmo nos Reinos, onde tudo era possível, aquela festa tinha sido espetacular. Ela dera início à moda dos concertos subaquáticos. Soren conseguia fazer nadadeiras parecerem sexy.

Ária raramente encontrava com ele depois do colégio. Era Soren que ditava as regras nos Reinos de esportes e combates, lugares onde as pessoas podiam competir e ser avaliadas. Ela normalmente ficava nos Reinos da arte e da música, em companhia de Paisley e Caleb.

– Olha esse *troço* sujo – disse Paisley, esfregando um borrão laranja em sua calça. – Não quer sair.

– Isso se chama mancha – disse Ária.

– Qual é a finalidade das manchas?

– Não há finalidade. Por isso que não há nos Reinos. – Ária observava a melhor amiga. Paisley mostrava o rosto franzido, sua sobrançelha sobreposta na beirada do olho mágico.

– Você está bem?

Paisley abanou os dedos diante de seu olho.

– Detesto isso. Está *faltando* tudo, sabe? Cadê todo mundo? E por que minha voz está tão esquisita?

– Nós todos soamos estranho. Como se tivéssemos engolido megafones.

Paisley ergueu uma sobrançelha.

– Mega o quê?

– Um cone que as pessoas usavam para amplificar sua voz. Antes dos microfones.

– Parece um megarregresso – disse Paisley. Ela ficou andando rapidamente ao redor, empinando os ombros para Ária. – Você vai me dizer o que está acontecendo? Por que estamos aqui com Soren?

Agora que elas estavam desligadas, Ária percebeu que podia contar a Paisley o motivo de flertar com ele.

– Preciso descobrir sobre Lumina. Eu sei que Soren pode conseguir a informação com o pai. Ele talvez já saiba alguma coisa.

A fisionomia de Paisley abrandou.

– É provável que a conexão esteja apenas fora do ar. Você logo terá notícias dela.

– A conexão já ficou fora do ar por algumas horas, nunca tanto tempo assim.

Paisley suspirou, recostando sobre o monte plástico.

– Eu não pude acreditar quando você cantou pra ele, na outra noite. E você devia ter visto Caleb. Ele achou que você tinha arrombado o armário de remédios de sua mãe.

Ária sorriu. Ela geralmente mantinha a voz em particular, algo estritamente entre ela e a mãe. Porém, há algumas noites, ela se forçou a cantar uma balada para Soren, num Reino Cabaré. Em minutos, o Reino chegou à sua lotação máxima, com centenas de pessoas aguardando para ouvi-la cantar novamente. Ária tinha ido embora. E exatamente como ela esperava, Soren a perseguiu desde então. Quando ele propôs o programa para essa noite, ela agarrou a oportunidade.

– Eu precisava deixá-lo interessado. – Ela espanou uma semente de seu joelho. – Vou falar com ele, assim que ele parar com a guerra de frutas. Então, sairemos daqui.

– Vamos fazê-lo parar agora. Diremos que estamos entediadas... o que não deixa de ser verdade.

– Não, Pais – disse Ária. Soren não podia ser forçado a nada. – Deixe comigo.

Soren deu um salto por cima da fileira da plantação diante delas, assustando-as. Ele estava segurando um abacate, com o braço erguido pra trás. Sua calça cinza estava coberta de borrões de suco e polpa.

– O que há de errado? Por que vocês duas estão só sentadas aqui?

– Estamos entediadas com esse jogo de podrebol – disse Paisley.

Ária se retraiu, esperando pela reação de Soren. Ele cruzou os braços, movendo o maxilar de um lado para outro enquanto encarava as duas.

– Então, talvez vocês devam ir embora. Espere. Eu quase esqueci. Vocês não podem ir embora. Acho que vão continuar *entediadas*, Paisley.

Ária deu uma olhada para a porta da câmara de compressão. Quando foi que ele a fechou? Ela percebeu que ele tinha todos os códigos para a porta e para a reprogramação dos olhos mágicos.

– Você não pode nos prender aqui, Soren.

– Ações precedem reações.

– Do que ele está falando? – perguntou Paisley.

– Soren! Vem cá – chamou Bane. – Você precisa ver isso!

– Senhoritas, estão precisando de mim em outro lugar.

Ele arremessou o abacate no ar, antes de sair correndo. Ária o pegou sem pensar. A fruta estourou em sua mão, transformando-se num grude verde pegajoso.

– Ele quer dizer que agora é tarde demais, Pais. Ele já nos trancou aqui fora.

Mesmo assim, Ária verificou a porta da câmara de compressão. O painel não respondia. Ela ficou olhando para o botão vermelho de emergência. Estava diretamente ligado ao servidor. Se ela o apertasse, os Guardiões de Quimera viriam ajudá-las. Porém, elas também seriam punidas por terem escapado e provavelmente teriam seus privilégios reduzidos nos Reinos. E ela perderia qualquer chance de falar com Soren sobre sua mãe.

– Vamos ficar mais um pouquinho. Logo eles terão de voltar.

Paisley puxou os cabelos por cima de um dos ombros.

– Tudo bem. Mas eu posso segurar sua mão de novo? Isso me dá a sensação que ainda estamos nos Reinos.

Ária ficou olhando a mão estendida de sua melhor amiga. Os dedos de Paisley faziam ligeiros espasmos. Ela pegou sua mão, mas lutou contra o ímpeto de recuar, conforme elas caminhavam juntas, em direção ao fundo da cúpula. Ali, os três meninos passaram por uma porta que Ária não tinha notado. Outro conjunto de lâmpadas acendeu. Por um instante, ela ficou imaginando se seu olho mágico tinha sido reativado e ela estaria, de fato, vendo um Reino. Diante deles, surgiu uma floresta linda e verde. Então, ela

olhou para o alto, vendo o teto branco familiar, acima do topo das árvores, perfilado por um emaranhado de luzes e canos. Ela percebeu que era uma imensa estufa.

– Achei – disse Bane. – Sou demais, não sou?

Echo virou a cabeça para o lado, afastando os cabelos esfriados dos olhos.

– Cara, campeão. Surreal. Quer dizer, é real. Ah! Você sabe o que quero dizer.

Ambos olharam para Soren.

– Perfeito – disse ele, olhando atentamente. Ele tirou a camisa, jogou-a de lado e correu floresta adentro. No instante seguinte, Bane e Echo o seguiram.

– Nós não vamos entrar, vamos? – perguntou Paisley.

– Sem camisa, não.

– Ária, fala sério.

– Pais, olhe pra este lugar. – Ela deu um passo à frente. Fruta podre era uma coisa. Uma floresta era uma verdadeira tentação. – A gente tem que ver isso.

Estava mais fresco e escuro embaixo das árvores. Ária passou a mão livre pelos troncos, sentindo a textura áspera. A pseudo-casca não agarrava como se pudesse morder sua pele. Ela esmagou uma folha seca na palma da mão, criando farelos afiados. Ficou olhando os desenhos das folhas e dos galhos acima, imaginando que, se os garotos se aquietassem, ela talvez pudesse ouvir as árvores respirando.

Ária acompanhava Soren, conforme eles adentravam mais a floresta, buscando uma chance de falar com ele, enquanto tentava ignorar o calor úmido da mão de Paisley. Ela e Paisley já tinham ficado de mãos dadas, nos Reinos, onde as pessoas se tocavam. Mas lá parecera mais macio, ao contrário da pegada apertada que ela sentia agora.

Os meninos estavam perseguindo uns aos outros pela floresta. Eles tinham encontrado varetas que carregavam como lanças

e haviam esfregado terra em seu rosto e peito. Fingiam que eram Selvagens, como os que viviam do lado de fora.

– Soren! – chamou Ária, conforme ele passou como uma bala. Ele parou, de lança em punho, e chiou pra ela. Ela deu um solavanco pra trás. Soren riu dela e saiu correndo.

Paisley puxou-a, fazendo-a parar.

– Estão me assustando.

– Eu sei. Eles são totalmente assustadores.

– Não os meninos. As árvores. Dá a sensação de que vão cair em cima da gente.

Ária olhou para cima. Por mais diferente que fosse essa floresta, ela não tinha pensado nisso.

– Tudo bem. Vamos esperar perto da câmara de compressão – disse ela, começando a voltar. Alguns minutos depois, ela percebeu que tinham chegado a uma clareira, por onde já haviam passado. Estavam perdidas na floresta. Ela quase riu de tão inacreditável que era. Ela soltou a mão de Paisley e esfregou a palma da mão na calça.

– Estamos andando em círculos. Vamos esperar aqui até que os garotos venham. Não se preocupe, Pais. Ainda é Quimera, está vendo? – Ela apontou para o alto, através da folhagem, para o teto, depois desejou que não o tivesse feito. As luzes ficaram mais fracas, piscaram, depois voltaram.

– Me diga que isso não acabou de acontecer – disse Paisley.

– Vamos embora. Essa foi uma ideia imbecil. – Será que esta era a parte da Ag 6 que sofrera os danos?

– Bane! Vem cá! – berrou Soren. Ária virou-se, tendo um vislumbre de seu tórax bronzeado correndo por entre as árvores. Essa era sua chance. Se ela se apressasse, poderia falar com ele agora. Se deixasse Paisley ali sozinha.

Paisley deu um sorriso trêmulo.

– Vá, Ária. Fale com ele. Mas volte logo.

– Eu prometo que volto.

Soren estava erguendo uma pilha de galhos nos braços quando ela o encontrou.

– Vamos fazer uma fogueira – disse ele.

Ária congelou.

– Você está brincando. Você não vai, realmente... vai?

– Somos Forasteiros. Forasteiros fazem fogueiras.

– Mas ainda estamos do lado de *dentro*. Vocês não podem fazer isso, Soren. Isso não é um Reino.

– Exatamente. Essa é nossa chance de ver a coisa real.

– Soren, é proibido. – O fogo nos Reinos era uma luz tremulante alaranjada e amarela que emanava um calor suave. Porém, por conta dos anos de treinamentos de segurança no núcleo, ela sabia que o fogo devia ser diferente. – Você pode contaminar o nosso ar. Pode incendiar Quimera...

Ela parou de falar, conforme Soren se aproximou. Gotas de água salpicavam sua testa. Abria filetes limpos na lama em seu rosto e peito. Ele estava suando. Ela nunca o vira suar.

Ele se inclinou mais perto.

– Aqui, eu posso fazer qualquer coisa que eu quiser. *Qualquer coisa*.

– Eu sei que pode. Todos podemos. Certo?

Soren parou.

– Certo.

Era agora. Sua chance. Ela escolheu cuidadosamente as palavras.

– Você sabe de coisas, não sabe? Como os códigos que nos trouxeram até aqui... Coisas que não deveríamos saber?

– Claro que sei.

Ária sorriu e contornou os galhos que ele trazia nos braços. Ela ficou na ponta dos pés, convidando-o a cochichar.

– Bem, conte-me um segredo. Diga-me algo que não deveríamos saber.

– Como o quê?

As luzes piscaram novamente. O coração de Ária deu um tranco.

– Conte-me o que está havendo com Nirvana – disse ela, esforçando-se para parecer natural.

Soren deu um passo atrás. Ele sacudiu a cabeça lentamente, estreitando os olhos.

– Você quer saber sobre sua mãe, não é? Por isso veio até aqui? Está me enrolando?

Ária não podia mais mentir.

– Só me diga por que a conexão ainda está fora do ar. Eu preciso saber se ela está bem.

O olhar de Soren desceu até os lábios dela.

– Talvez eu te deixe me persuadir, mais tarde – disse ele. Depois empinou os ombros para trás, erguendo mais os galhos. – Neste momento, estou descobrindo o fogo.

Ária voltou correndo para a clareira, até Paisley. Ela também encontrou Bane e Echo ali. Os irmãos estavam construindo um montinho de galhos e folhas, bem no centro. Paisley correu até Ária assim que a viu.

– Eles estão fazendo isso desde que você saiu. Estão tentando fazer fogo.

– Eu sei. Vamos. – Seis mil pessoas viviam em Quimera. Ela não podia deixar Soren arriscar tudo.

Ária ouviu o barulho das varetas caindo, antes de algo bater em seu ombro. Ela gritou, conforme Soren a virou de frente para ele.

– Ninguém vai embora. Achei que tivesse deixado isso claro.

Ela encarou a mão em seu ombro, com as pernas amolecendo.

– Me solte, Soren. Não vamos nos envolver nisso.

– Tarde demais. – Os dedos dele cravaram nela. Ela resfolegou com a onda de dor que percorreu seu braço. Bane soltou um punhado de galhos que estava carregando e olhou para eles. Echo parou de repente, de olhos arregalados. As luzes refletiam na pele deles. Eles também estavam suando.

“Se você for embora”, disse Soren, “direi a meu pai que foi ideia sua. Com seu olho mágico desligado, será sua palavra contra a minha. Em quem acha que ele irá acreditar?”

– Você está maluco.

Soren soltou-a.

– Cale a boca e sente-se. – Ele sorriu. – E aproveite o show.

Ária sentou com Paisley, à beira das árvores, lutando contra o ímpeto de esfregar o ombro latejante. Nos Reinos, doía cair de um cavalo. Torcer um tornozelo também. Mas a dor era só um efeito salpicado para enfatizar a emoção. Nos Reinos, eles não se feriam de verdade. Isso era uma sensação diferente. Como se não houvesse limite para a dor. Como se pudesse continuar para sempre.

Bane e Echo faziam um trajeto atrás do outro, até a floresta, trazendo braçadas de galhos e folhas. Soren os instruía para colocar mais aqui, mais ali, enquanto o suor pingava de seu nariz. Ária deu uma olhada nas luzes. Ao menos elas estavam se mantendo equilibradas.

Ela não podia acreditar que se deixara, a si mesma e a Paisley, envolver nessa situação. Ela sabia que ir até a Ag 6 era arriscado, mas não esperava por isso. Ela nunca quisera fazer parte da panelinha de Soren, embora sempre tivesse se interessado por ele. Ária gostava de procurar as falhas na imagem dele. A forma como ele observava as pessoas quando riam, como se ele não compreendesse o riso. A forma como ele curvava o lábio superior depois de dizer algo que achasse particularmente inteligente. O jeito como ele a olhava de vez em quando, como se soubesse que ela não estava convencida.

Agora, ela percebia o que a intrigava. Através dessas falhas, ela tinha vislumbrado outra pessoa. E ali, sem os Guardiões de Quimera vigiando, ele estava livre para ser ele mesmo.

– Eu vou nos tirar daqui – sussurrou ela.

As lágrimas enchiam os olhos de Paisley.

– Chiu. Ele vai ouvir.

Ária notou o estalar das folhas abaixo dela e ficou imaginando quando teria sido a última vez que as árvores haviam sido regadas. Ela ficou observando o monte crescendo um palmo, depois dois. Finalmente, com quase três palmos de altura, Soren declarou que estava pronto.

Ele enfiou a mão na bota e tirou um pacote de baterias e uns fios, e entregou a Bane.

Ária não podia acreditar no que estava vendo.

– Você *planejou* isso? Veio aqui para fazer fogo?

Soren sorriu para ela, curvando o lábio.

– Também tenho outras coisas em mente.

Ária sugou o ar. Ele só podia estar brincando. Só estava tentando assustá-la porque ela o enganara, mas ela não tivera outra escolha.

Os meninos se reuniram, enquanto Soren murmurava:

– Tente assim... – e – ... na outra ponta, imbecil... – e – ... deixe que eu faça. – Até que todos pularam pra trás, afastando-se da labareda que se ergueu das folhas.

– Caramba! – gritaram eles, exatamente ao mesmo tempo. – Fogo!

Título Original
UNDER THE NEVER SKY

Copyright © 2012 by Veronica Rossi

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Sandra Bruna Agencia Literaria, em conjunto com Adams Literary

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma
ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de
armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais
VIRGÍNIA BOECHAT

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rossi, Veronica
R743n Never sky; sob o céu do nunca / Veronica Rossi; tradução de Alice
Klesck. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.
(Never sky; 1) – Primeira edição.
Tradução de: Under the never sky
ISBN 978-85-7980-234-8
1. Ficção infantojuvenil norte-americana. I. Klesck, Alice. II.
Título. III. Série.
14-17755 CDD – 028.5
CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.